

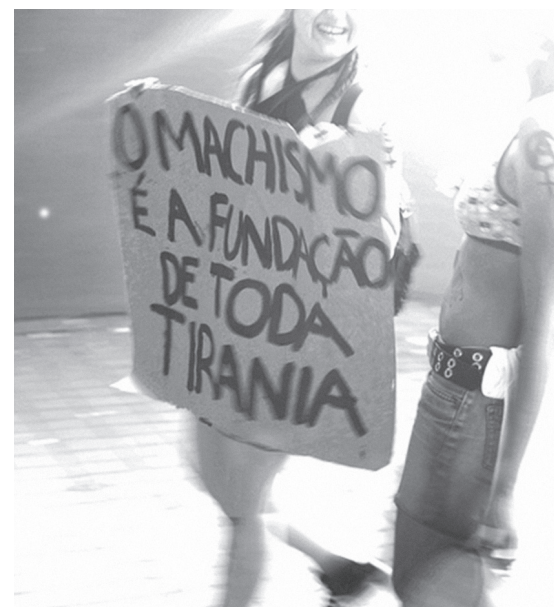
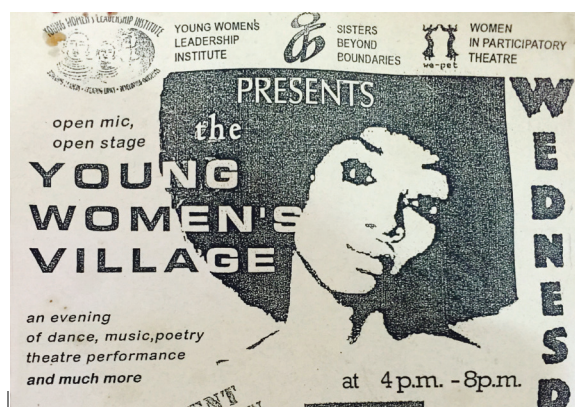
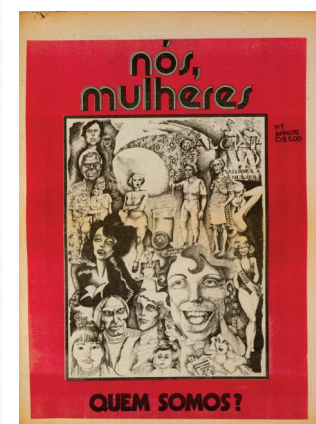
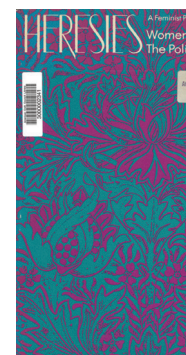
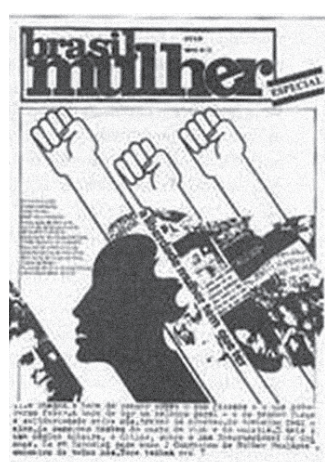
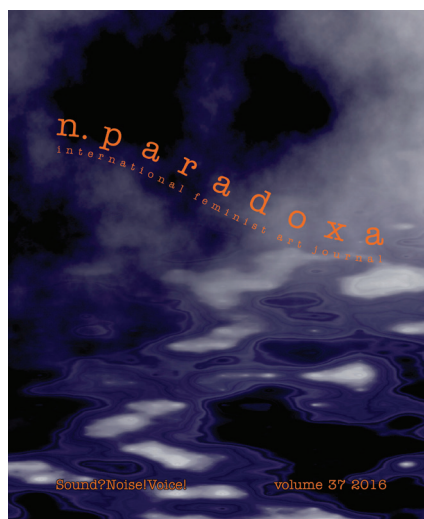
JORNAL DE borda



2359-3954

ISSN 2359-3954 _ N.3, MAIO DE 2016, R\$ 2

concepção e edição Fernanda Grigolin (Mtb 46.219) **projeto gráfico** Lila Botter **assistente editorial** Edu Xavier Filho **colunas** Fabio Morais, Galciani Neves, Livia Aquino, Paula Borghi, Raquel Stolf **participam** Alicia Andares com Editora Planetaria, Ana Lira, Ana Luiza Fonseca com Martha Hellion, Júlia Ayerbe com Laura Daviña, Guilherme Falcão com Bruno Mendonça e Contra, Jullie Utsch, Sofia Bauchwitz com Nítida, Todd Lanier Lester, Luana Navarro **entrevistas com** Aleta Valente, Bruna Leite, Eustáquio Neves, Fabiana Borges, Fabiana Faleiros, Felipe Brait, Katy Deepwell, Jackeline Romio, Maurinete Lima, Ricardo Castro, Talita Trizoli **páginas especiais homenageiam** Gloria Anzaldúa, Monique Wittig (em memória delas) **produção executiva** Frida Projetos Culturais **assistente de produção** Angelica Bezerra **revisão** Ieda Lebensztayn, Yuly Marty **Jornal de Borda** é um projeto de Ediciones Costeñas em parceria com a Tenda de Livros.



Fazendo um editorial

Dios dijo:
Ama a tu prójimo como a ti mismo.
En mi país
el que ama a su prójimo
se juega la vida.

Gioconda Belli

Fecho o texto para o *Jornal de Borda 03 no mês de abril*. Em janeiro iniciei os esquemas, fiz todos os convites para os colaboradores. Esta edição faz aproximações com os feminismos, teoria *queer* e afrocentrado. Uma tentativa de deslocalizar o centro e propor outros jogos e tensões.

Fecho o texto para o *Jornal de Borda 03 em um abril turbulento*. Um abril no qual se deve afirmar de minuto em minuto o apoio à Democracia e ao Estado Democrático de Direito. Um abril que pede para jamais serem esquecidas as conquistas mínimas alcançadas. Um abril que pede para que haja reflexão e mudança, e não retrocessos.

Fecho o texto para o *Jornal de Borda 03 em um abril turbulento em um dia de outono em Barão Geraldo*. Muitas vozes encostam e acompanham.

Transe

Vozes de poetas que já li e releio com vocês.

Vozes de artistas.
Vozes de editoras planetárias nítidas e auroras.

Vozes de negras mulheres feministas, intelectuais tão sábias.

Vozes de feministas.
Vozes chicanas.

Vozes queer.
Vozes estranhas, agradáveis, necessárias.

Vozes de entrevistados, artistas, pesquisadores, ativistas.

Vozes em cartas entre México e Brasil.
Vozes de quem pesquisa livros.

Vozes de curadores, pesquisadores, colaboradores que seguem na Borda.

Fecho o texto para o *Jornal de Borda 03 em um abril turbulento em um dia de outono em Barão Geraldo*. Em janeiro, o primeiro esboço do editorial começava assim:

O Feminismo e a arte se relacionam desde os anos 1960.

Ficou em duas linhas, sumiu.

Fecho o texto para o *Jornal de Borda 03 em um abril turbulento em um dia de outono em Barão Geraldo*. Em fevereiro, o segundo esboço do editorial tinha este trecho:

A revista Heresies, publicada por mais de vinte anos nos Estados Unidos, é uma das pioneiras em unir arte, feminismo e política.

Quatro linhas sem fôlego.

Fecho o texto para o *Jornal de Borda 03 em um abril turbulento em um dia de outono em Barão Geraldo*. Em março, o terceiro esboço do editorial tinha os seguintes trechos soltos:

No Brasil e em muitos países da América Latina, as ditaduras atravessaram o dia a dia das pessoas e impossibilitaram o exercício da cidadania. Muitas pessoas morreram, outras seguem desaparecidas. Naquela época não era possível qualquer tipo de liberdade, a dignidade da pessoa humana era inexistente.

(...)
O mimeógrafo foi arma para a poesia (com o movimento Alissara), para os artistas postais e para os guerrilheiros em seus jornais ilegais.

Foi apenas no final dos anos 1970 que a imprensa alternativa retoma: jornais de diversas naturezas. Há também iniciativas de imprensa feminista no Brasil.

(...)
Nos anos 1980, iniciam os encontros Feministas latino-americanos. O Brasil já sediou esses encontros por duas vezes. Feminismo é plural, é negro, é jovem, é transgeracional, é transnacional.

(...)
Nos anos 1990, eu me reconheci feminista, eu tinha 19 anos. Nos anos 2000, escutei pela primeira vez a palavra queer em uma conversa com Marcella Althaus-Reid. Uma das intelectuais e ativistas mais potentes que conheci.

(...)
Agora, em 2016, a discussão feminista está em voga na arte no Brasil. A Revista Select de fevereiro/março traz pesquisas, matérias e artigos sobre o assunto. Paro na página 31, Ventos feministas de Luana Saturnino Tvardovskas. Depois caminho para a dupla de páginas 34 e 35. Lá há uma pesquisa sobre a correlação entre mulheres e homens representados nos acervos dos principais museus.

Quarenta e duas linhas a desistir.

Fecho o texto para o *Jornal de Borda 03 em um abril turbulento em um dia de outono em Barão Geraldo*. As vozes invadem o página a página do Jornal.

Fernanda Grigolin

VERBOS

Seleção dos cem verbos mais recorrentes a partir do registro de escritos de curadores das exposições visitadas no último ano. No caso da arte, tais palavras sugerem ações ou fenômenos situados em algum tempo ou contexto.

Referências das imagens da capa:

Revista *Heresies* (Estados Unidos),
Revista *N.Paradoxa* (Inglaterra), Negras Jovens Feministas (Brasil), Louva Deusas (Brasil), Mizangas (Uruguay), Primeiro Encontro de Jovens Feministas (2008), *Boletim Diálogo Jovem* (Jovens Feministas de São Paulo), *Jornal Nós Mulheres* (Brasil), *Queer City* (Estados Unidos/Brasil), *Jornal Brasil Mulher*, *Festa Somos Todas Pecadoras* (2007), *Young Women Village* (2007, Nairobi, Quênia), *Guerrillas Girls* (Estados Unidos).

# abrigar	# desabar	# habitar	# presumir
# acolher	# descrever	# ignorar	# pretender
# acumular	# deslocar	# implicar	# promover
# agregar	# desmanchar	# instar	# propor
# alertar	# destituir	# interpretar	# provocar
# anunciar	# desvincular	# interrogar	# questionar
# aplicar	# dialogar	# manifestar	# receber
# apontar	# discutir	# manter	# reconhecer
# apresentar	# disseminar	# marcar	# resistir
# articular	# duvidar	# mensurar	# responder
# atentar	# ecoar	# mergulhar	# retirar
# atrelar	# emergir	# mostrar	# reunir
# capacitar	# encontrar	# motivar	# revisar
# chocar	# enfatizar	# narrar	# revisitar
# compartilhar	# enfrentar	# nascer	# selecionar
# conectar	# ensinar	# observar	# sentir
# confrontar	# envolver	# oferecer	# significar
# construir	# enxergar	# olhar	# solicitar
# contaminar	# errar	# ouvir	# subtrair
# contar	# esgotar	# participar	# sugerir
# contemplar	# estudar	# perceber	# suportar
# conter	# examinar	# percorrer	# traçar
# contrastar	# experimentar	# perder	# traduzir
# contribuir	# expor	# permitir	# transpor
# demandar	# formar	# prencunciar	# trocar

ASSISTA O VIDEOCLÍPE MACHO INTELECTUAL DE INVASORIX

NO PARAS DE HABLAR NO PUEDES ESCUCHAR Y SÓLO QUIERES DESTACAR ERA UN ARTISTA RELACIONAL CONCEPTUAL, GESTUAL, SOCIAL-LOCAL ACTIVISTA-ELITISTA, MEDIEVAL AMBIENTAL, VIRTUAL, ESPIRITUAL PROGRESISTA, HEDONISTA, INTERNACIONAL

	soy la muchacha mala de la historia, la que fornicó con tres hombres y le sacó cuernos a su marido.	
(...) entre un pájaro y un pez las diferencias son evidentes pero hay PÁJAROS que son peces no olvidarlo.	soy la mujer que lo engañó cotidianamente por un miserable plato de lentejas, la que le quitó lentamente su ropaje de bondad hasta convertirlo en una piedra negra y estéril, soy la mujer que lo castró con infinitos gestos de ternura y gemidos falsos en la cama.	Brian, Vamos a escribir juntos Esta declaración encendida de nuestros cuerpos Apilados con furia en estas noches frías. En estas bocas muertas.
Héctor Hernández Montecinos		Diego Ramírez Gajardo
	soy la muchacha mala de la historia.	
	Maria Emilia Cornejo	

AS VANTAGENS
DE SER
(UMA) ARTISTA (MULHER)*

Saber que fazer arte significa que você faz tudo simultaneamente.
Não usar sutiã com alça de silicone.
Ter o privilégio de ouvir um homem te explicar sobre sua situação como artista mulher no sistema da arte.
Ser capaz de reconhecer a força de trabalho sem precisar ser efetivada por quem quer que seja.
Conviver com o fato de que as mulheres são a imensa maioria nas faculdades de arte mas nas exposições contemporâneas não somam nem 15%.
Garantir que as discussões sobre as desvantagens atribuídas ao gênero aconteçam.
Ser uma pessoa de peito e pau.
Ter a incrível oportunidade de mostrar seu trabalho para curadores renomados que querem dormir com você.
Fazer parte da invenção da categoria generalizada “mulheres artistas”.
Poder desenhar os próprios pelos pubianos prescindindo de um modelo vivo.

* Mensagens de serviço público das Guerrillas Girls (1988), por Livia Aquino, Clarice Lima, Raphaela Melshon, Isabela Assad, Regina Parra, Patrícia Araujo, Adriele Freitas, Alessandra Duarte, Fabiana Faleiros, Simone Barreto

Para mim, o feminismo na arte contemporânea é sempre sobre política: política cultural – quem é exibido e onde; a política de representação –, o que é mostrado, como é mostrado, quais são os regimes dominantes para olhar ou pensar sobre um assunto e como são estes desafiados; e política no sentido de questões políticas, sociais e econômicas contemporâneas abordadas ou discutidas na arte, no mundo da arte e no mundo em geral. O feminismo continua a ser um movimento político por, para e sobre as mulheres. A estratégia do feminismo na arte contemporânea é uma das intervenções nesta situação política, em termos de ação, valores e significados.

Katy Deepwell

ismos, produzir dentro desse território conceitual, experiências. Essa definição pode parecer “rebuscada”, mas, como muitas estudantes de Arte, me sinto desdém – poucas mulheres artistas em livros críticos sobre a produção de mulheres. Foi somente arte, e a extensa bibliografia estrangeira do período, problemas, que efetivamente pude certificar-me da constatar que, se não havia estudos sobre aquilo que se criticasse as invisibilidades sobre o feminino.

Talita Trizoli

Pesquisa revela perfil dos escritores e personagens da literatura brasileira contemporânea
Estudo da Universidade de Brasília mostra que a maioria dos autores são homens e brancos, que moram no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Deus Queer é um Deus que não está terminado. Temos Deus saindo do armário ao dizer “Não posso ser Deus, tenho outra identidade, preciso ser homem”. Não é um gesto de doação aos homens, mas uma necessidade de Deus de revelar-se. Dizer: “Sou frágil, sou humano”. Sair desse armário lhe custou caro. Essa é uma interpretação nova de Deus, a partir de outra maneira de se relacionar com a divindade. Essas metáforas do Deus perfeito, da sabedoria suprema, do terminado vêm de uma maneira de pensar pré-moderna. Eu trabalho com o pós-moderno. O Deus Queer é um Deus inacabado. Em processo, ambíguo, de múltiplas identidades, que nunca terminamos de conhecer porque, quando o abarcamos, escapa, há mais. Não quero um Deus do centro hegemônico, um rei que vem te visitar na favela, te dá a mão e diz: “Eu sou Deus, tenho um reino e sou tão bom que venho te visitar. Mas, agora, dá licença que tenho de voltar ao Reino dos Céus”. Falo de um Deus que abre seu armário e diverte seus amigos, dizendo: “Agora sou Marlene Dietrich”.

Marcella Althaus-Reid (em entrevista a Eliane Brum. Revista Época, 2004)

A arte feminista não era um movimento – ou era um movimento, e ainda é, mas não um movimento artístico, com as inovações estéticas e exaustivas implicadas. Assim como Hesse apontou, críticos conservadores discutem que nada aconteceu durante os anos 70, com o que eles pretendem dizer que nada aconteceu exceto a arte feminista, a qual, ainda que receba o nome de “movimento” artístico, não o fez baseada no estilo, mas no conteúdo. Outra razão é que ela ainda ocorre. Esse mesmo conteúdo, colocado em fogo lento nos anos 80, tem agora ressurgido no trabalho dos mais jovens e emergentes artistas, com uma fúria.

Lucy Lippard (*The Pink Glass Swan. Select Essays on Feminist Art*. 1ª ed. Trad. Talita Trizoli. USA: WW Norton, 1995)

Eu me chamo Ana Paz; eu tenho oito anos; eu acho o meu nome bonito. [...] Lygia Bojunga. Fazendo Ana Paz.

Eu me chamo Ricardo Castro, tenho 37, sou professor de saúde coletiva do curso de medicina da UFPE, casado com Viviane e pai de Miguel e de Iara. Sou homem e me considero feminista. Posição que adoto do ponto de vista político (por defender a equidade, o direito ao corpo e livre determinação sexual e política de homens e mulheres) e acadêmico, por considerar que o campo de estudos de gêneros é oriundo do que foi proposto e desenvolvido por estudos feministas e também pelos LGBT, e a estes se devem a sua permanência e o desenvolvimento dos estudos sobre masculinidades. Tenho consciência dos meus privilégios enquanto homem, bem como de toda imersão que tenho no machismo e no patriarcado. Acredito no feminismo como uma ferramenta útil de mobilização e transformação deste mundo num lugar melhor de se viver. Não busco nenhum tipo de aprovação com essa postura, mas acredito que seja a postura certa a se tomar. Dizer-me pró-feminista me deixaria numa postura de implicação menor (a meu ver), por isso assumo a postura de homem e de feminista.

Ricardo Castro

Alunas do Anchieta protestam pelo direito ao short: “O machismo não decide a minha roupa”.



PÔR DO SOL NO
ARPOADOR, RIO DE
JANEIRO - RJ, BRASIL



MARTHA FOTOGRAFANDO
ANA FOTOGRAFANDO
MARTHA. BOOKIE WOOKIE/
AMSTERDAM 2013

Querida Martha.

Mais do que
uma entre-
vista, isto
é uma
troca de
cartas.
Aqui te
envio
uma
per-
gunta
e uma
foto.

Na tua
resposta

você pode co-
mentar e respon-
der ao que quiser,
como quiser.

Eu escreverei esta
carta na minha língua
materna, o português.

Em troca, você me responde no
idioma em que se sentir mais à vontade e,
se preferir, me envie um desenho, foto, ou poema
como parte dos seus comentários.

Digamos que esta é uma espécie de e-mail-art.
Para começar, vou pedir que você escolha alguns projetos
voltados à produção de livros de artista de que você foi inte-
grante, por exemplo Beau Gest Press [ASSOCIAÇÃO DE PEQUENAS
EDITORAS FORMADA NA DÉCADA DE 1970 EM DEVON, NA INGLATERRA] e
Other Books and So [LIVRARIA FUNDADA EM AMSTERDAM, NO ANO DE 1975,
PELO ARTISTA MEXICANO ULISES CARRIÓN. HISTORICAMENTE, OTHER BOOKS AND
SO É CONSIDERADA A PRIMEIRA LIVRARIA TOTALMENTE DEDICADA A LIVROS DE
ARTISTAS], e que me conte a sua principal memória de cada um.

besos y cariños,
Ana Luiza Fonseca

Querida Ana,

*Una metáfora visual – presente –
hacia un pasado – no tan próximo*

Atrapada en la realidad inmediata: ineficacia del sistema, desconectada
de la línea telefónica, corto circuito en la red eléctrica, mantenimiento de la casa para antes de las
lluvias (pintura, sellado de ventanas, limpia de drenes, etc.), poda de árboles, limpieza del jardín y para colmo visita forzada
al dentista, todo esto más la ciudad con vías en compostura – caos de tráfico.

A veces más vale vivir fuera que dentro, otro país en el cual uno está más alejado de la máquina que mueve el sistema, uno asume
hasta cierta medida las responsabilidades y acepta las limitaciones por ser temporales, al fin uno se va.

En cuanto a planear el trabajo propio, también es otra dinámica que cada día hay que reinventar y adaptar. No es solo la
necesidad creativa, también esto incluye pensar en la producción de obra, su difusión, como distribuirla, adonde va, en realidad,
para quién se trabaja???

Cada día es más difícil ser artista visual/plástico/editor.

Cómo integrar la realidad y lo otro.....

Mi experiencia de BGP fue eso, una inciativa temporal que concentró en el espacio/tiempo la energía e intensidad del
momento, por lo mismo, la de todos los artistas y amigos que la compartieron, era un centro generador, un espacio en
el que logramos integrar la cotidianidad de la vida y la creatividad artística de cada uno, plasmando en la producción
hasta cierto modo efímera – la carga que sustenta – .

– El ahora – es el resultado de una serie de sucesos y vivencias en que los procesos de cambio propiciaron el
desarrollo del pensamiento y las ideas, con una perspectiva abierta y aún el deseo de explorar, sorprenderse.....

– Lo vivido – ya fue.....

No se repite, se visualiza y experimenta desde otro enfoque con una mirada diferente
para comenzar cada vez.

El tiempo, espacio y lugar es una constante siempre en movimiento. La tran-
sición nos lleva a renovar estrategias que al aplicarlas desde un marco
creativo, pueden ser compartidas conscientemente y aportarían en el
ámbito interdisciplinario de las artes, los incentivos para la produc-
ción y difusión de obra que vincule la relación con la educación,
la ciencia y la tecnología. Así como, considerar la importancia de
la conservación preventiva del medio ambiente como otro enfoque,
mas dentro de nuestra realidad política, económica y social.

Ulises Carrión, después de haber estado en BGP, fue ese
el momento que disparó la idea de formar otro centro
generador con las mismas características en Amster-
dam, primero In-Out Center con el grupo Islandés y
luego Other Books and So., de mayor envergadura, en
el que se acopiaron todas las producciones impresas,
las obras grabadas en video y audio, así como,
el Arte postal, que eran en ese momento,
las obras que existían y que se disemina-
ban por medio del correo, alcanzando
su mayor difusión por ser aún inclasifi-
cables y de poco valor.

Por lo mismo eran documen-
tos importantes que registraban
eventos a los que uno asistía y
por lo cual la venta estaba se-
gura pues los costos eran
bajos dentro del medio
artístico/editorial, fue
así como se formó
el Archivo de Other
Books and So.

Martha Hellion



SEASCAPE, VISUALSCOPE
FROM BRETAGNE FR. TO
GRAND BRETAGNE UK

Where else could these three get together?

trabalho da... lutou, viveu... a alargar as pro... atança, da destrui... e de riqueza... eguas verificou-se... co e o descalabro... todos os... trabalho e da vida... falta de generos... ter eliminado os... os dos agriculto... transporte mari... stes porque os... no fundo do oce... rial rodante das... ferro encontra-se... ajado, arruinado... ou de mais e não... sarios... paros e... cessimo... de subs... a de economia e... inancia... porque... artafam-se de la... de... abar... de... ueza... nepe... neia... as... is... is... epi... ave... çã... olo... os... os... i... le... as... o... a... ue... i...

pagamento, etc.

Os operarios queixam-se dos salarios não recompensarem os seus esforços, alénde que o trabalho extraordinario devia ser pago pelo dobro, o que não acontece. Depois, o trabalho...

“As autoridades paulistas, sob pretexto de reprimir o anarquismo, estão indo muito longe, estão violando a Constituição da Republica quanto á liberdade de opinião”, diz o ministro Sebastião de Lacerda.

que é ainda muito forte na Espanha. Reclamava também liberdade de expressão e liberdade para os presos políticos.

AMERICA LATINA

A Comissão Económica das Nações Unidas para América Latina (CEPAL), que tem sede em Santiago, Chile, concluiu, a partir de recentes estudos, que a participação da mulher latinoamericana na vida social e económica de seus países é bastante inferior á do homem.

De forma geral, os códigos civis dos diferentes países da América Latina são vantajosos aos homens, dividindo de forma taxativa as tarefas que correspondem a cada um dos sexos: o homem é o chefe da familia, devendo sustentá-la; a mulher deve ter filhos, educá-los e cuidar da casa e comida.

Há algumas variações de país para país, no sentido de proporcionar maior igualdade entre homens e mulheres. Assim, o Uruguai (1946) e Argentina (1947) foram os primeiros países da América Latina que fizeram leis sobre os direitos civis das mulheres. Mais tarde, outros países também fizeram isso, entre eles o Brasil (1962), Chile (1973) e México (1974). Mesmo assim, diz a CEPAL, a mulher continua participando menos que o homem nos vários setores das sociedades de seus países.

No trabalho, o dominio masculino é forte. Na maioria dos países da América Latina, as mulheres com mais de 10 anos que trabalham, representam em torno de 20% do número total de trabalhadores. Em 1970, a participação feminina entre os trabalhadores, dos seguintes países, era: Argentina - 24,5%; Brasil - 18,5%; Chile - 18,2%; México - 16,4%; Nicarágua - 17%; Panamá - 25,7% e Venezuela - 22,6%.

Além disso, a mulher é discriminada também quanto a posição que ocupa no trabalho e aos salarios que recebe pelo mesmo.

Em geral, as profissões mais encontradas pelas mulheres que procuram emprego devido a baixa renda familiar são as de empregada doméstica, vendedora ambulante e outras ocupações de baixos salarios.

Em sindicatos, a participação da mulher é baixa. O poder masculino nessa área é tão forte, que mesmo em sindicatos que agrupam profissões femininas, como os têxteis, os líderes são geralmente homens.

A CEPAL conclue que em cada classe social a situação da mulher latinoamericana é inferior á do homem. Diz ainda que as medidas tomadas no sentido de melhorar esta situação foram muito mais desejo por parte dos governos de agradar ao eleitorado feminino, do que fruto de reivindicação de...

O ministro Sebastião de Lacerda...

isto que certos srs. mestres e Comp. fazem a miude as suas festas de baile e picnic a custa dos pobres operarios !!!

A comissão de todos os operarios

“Seria um atentado contra a liberdade de expressão e de reunião, se os grupos organizados de mulheres...”

domi-chapa... queiro... Abril... ando... az... ve de... com as... o c... nio... lossam... a fe... arar... liber... seus... Deus... nomes... voen... re-...

regulando o as de Sant... a o as das ad... Em 1... boa estiver... e depo... esta grand... e do lugar... odem os ca... a ideia dos... passamos pass... de que ter... todos os l... indado.

Pec nos, pois, o v... que esta v...

mentos... dos, alguns pela pol... seguida os despachos... para as prov... outros, como Caia... foram arrancados... visou um comico... dos deportados... odisseia que a polic... feito passar.

Dos que foram pa... os primeiros fo am... liberdade depois de... de calaboucos... mandados para a A... narra a carta do comp... herito de Caio, se... União Geral das Fer... S. Paulo, e que des... grandes protestos e... enariado portuguez... Eis a missa em...

Verde... panheir... Sa... almen... ndos... los, que sai... e pa... não sa...

os, pois... 6 de São... e 4 do Rio... boa estiver... e depo... esta grand... e do lugar... odem os ca... a ideia dos... passamos pass... de que ter... todos os l... indado.

Pec nos, pois, o v... que esta v...

ART - FEMINISM - POLITICS

TURQUIA

Um grupo de mulheres turcas iniciou uma disputa legal com a Corte Constitucional para obter o direito de trabalhar sem permissão por escrito do marido, conforme estabelece uma norma do código civil daquele país. Em Dezembro do ano passado, em resposta ao Ano Internacional da Mulher, foi feito um congresso para estudar-se a modificação de todas as leis civis contrárias aos direitos da mulher.

Jornal O Exemplo 1902, do Arquivo pessoal de Paulo Silveira; Jornal Nós, Mulheres, 1976; Jornal A Patuleia, 1920, do Arquivo Edgard Leuenroth; Revista Heresies, 1977 (as unidades dessa revista podem ser baixadas em heresiesfilmproject.org)

PQ LIVROS?

De Calle a Vater: anotações breves sobre mulheres e livros de artistas

POR JULLIE UTSCH

Lembro ainda hoje o fascínio que tive ao, pela primeira vez, entrar em contato com a obra de Sophie Calle: a artista traz sempre em sua narrativa tons de confissão. É que Calle fala de si, envolvendo o interlocutor numa esfera que tem muito de *voyeur*, e poucos são aqueles que conseguem desviar o olhar do que ela revela através de frestas cuidadosamente ordenadas. *Cuide de você* foi a obra que me apresentou tanto o universo dos livros de artista quanto da arte contemporânea feita por mulheres – que, ao falarem de si, tangem o universal. Nela, Calle entrega uma mensagem recebida, que terminava relacionamento, e pede a mais de cem mulheres que a interpretem; transforma o sofrimento pessoal em catarse coletiva; politiza sua dor.

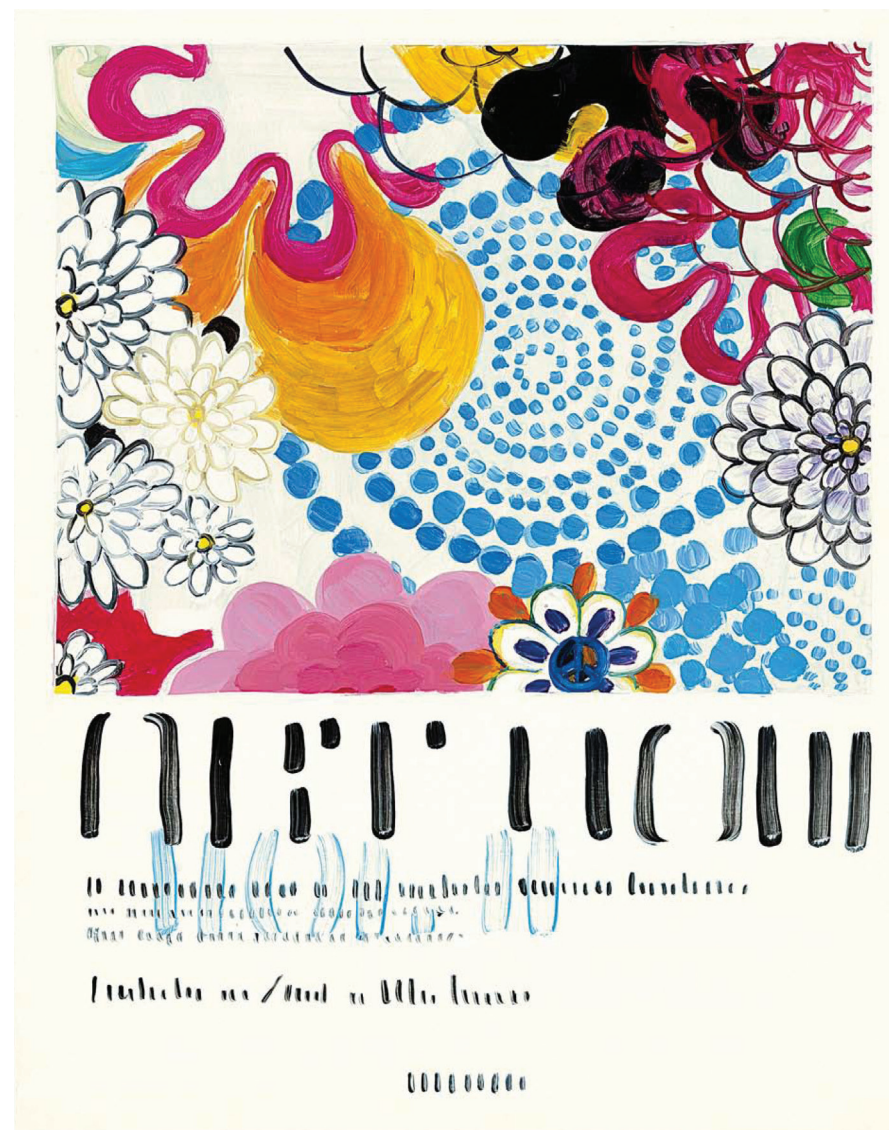
Movida por Calle, eu me aproximei do grupo de pesquisa da Coleção Livro de Artista da Universidade Federal de Minas Gerais, e passei a explorar o livro como possibilidade artística. Pensar o livro como suporte da obra de arte (e não só como catálogo ou registro) é o que caracteriza, grosso modo, o que chamamos de livro de artista. Os

limites são tênues, e categorizá-los como tal exige um questionamento acerca da obra. E, embora ainda hoje muitas vezes sem o devido reconhecimento em diversos aspectos no campo das artes, as mulheres tiveram papel fundamental (e pioneiro) na difusão do livro enquanto suporte artístico no Brasil. Nomes como Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Mira Schendel, Regina Silveira, Regina Vater e Vera Chaves Barcellos foram influências fundamentais na década de 1970, ao realizarem algumas das primeiras experimentações relevantes na consolidação do gênero.

A paixão por Calle me fez buscar essas mulheres e suas questões (e provocações) sobre o ser mulher no mundo, mas não para por aí. A biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG possui um dos maiores acervos de livros de artista no Brasil, onde é possível explorar diversas obras concebidas por mulheres. Eis algumas das obras femininas (e feministas) mais emblemáticas da Coleção Livro de Artista da UFMG:

- Annette Messenger, em *Voluntary Tortures* (2013), apresenta fotografias de revistas dos anos 1970 que mostram procedimentos estéticos que infligem dor. Curiosamente, diversos desses processos permanecem até os dias de hoje, reforçados por padrões de beleza e pela mídia.

- O livro de Carla Zaccagnini, *Elements of Beauty* (2012), tem como assunto as sufragistas de Londres e Manchester no início do século XX. É composto por



A SELECCIÓN NATURAL (2), SANDRA GAMARRA

material de arquivo, fotografias, recortes de jornal e registros criminais a respeito da ala mais radical do movimento que defendia o direito de voto para as mulheres nas eleições políticas. A Women's Social and Political Union (WSPU), organização de militância pelo voto feminino, era adepta de táticas de ação não convencionais, que incluíam ataques a vitrines de lojas, museus e pinturas, em especial aquelas que representavam nus femininos. Em 2015, a artista apresentou no MASP uma instalação sonora baseada no livro.

- Sandra Gamarra, no livro *Selección Natural*, se apropria dos três volumes do livro *Art Now*. Ela selecionou apenas as páginas sobre artistas mulheres

e realizou pinturas que respeitam a diagramação original do livro, colocando em evidência os processos de seleção, tidos como naturais, mas que são na verdade construídos socialmente.

- Por último, um livro que procura desconstruir o papel tradicional atribuído às mulheres. *SERVICE: A Trilogy on Colonization* (2008), escrito por Martha Rosler, é composto por três histórias curtas que exploram os diferentes aspectos da produção e consumo de alimentos, de modo que a gastronomia e as práticas sociais são narradas através de uma abordagem que é política e “feminina” ao mesmo tempo.

COLABORAÇÃO DE AMIR BRITO CADÔR

A COLEÇÃO LIVRO DE ARTISTA DA UFMG É A PRIMEIRA COLEÇÃO DO GÊNERO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO BRASIL, INICIADA EM NOVEMBRO DE 2009 COM A DOAÇÃO DE UM CONJUNTO DE LIVROS DE ALEX FLEMMING, GUTO LACAZ, MARILÁ DARDOT E PAULO BRUSCKY. O ACERVO POSSUI MAIS DE QUATROCENTOS LIVROS CATALOGADOS E ATUALMENTE É O MAIOR DO PAÍS.

A 32ª Bienal divulgou oficialmente
uma primeira lista de artistas

54 NOMES

30 MULHERES

Em 65 anos, as edições da Bienal apresentaram
diversas proporções entre homens e mulheres.

O número
de mulheres em
uma exposição
coletiva é uma
questão para
você?

Anita Malfatti
Tarsila do Amaral
Maria Martins
Mira Schendel
Lygia Clark
Lygia Pape
Adriana Varejão
Beatriz Milhazes
...

Você já notou que
a arte brasileira
moderna e contem-
porânea possui a
peculiaridade de
ter como ícones
artistas mulheres?

Quantxs
artistas
brasileirxs você
conhece que se
dizem feministas
publicamente?

Numa edição recente

112 NOMES

22 MULHERES

Você já
leu algo na
imprensa relativo
à proporção
de gênero nas
bienais?

Em outra mais antiga

209 NOMES

44 MULHERES

Você acha
que gênero
é uma
questão?

NOTA: Em 1971 a pesquisadora Linda Nochlin publicou, na revista *ARTnews*, o ensaio "Why Have There Been No Great Women Artists?", que problematiza a questão de gênero na história da arte. Por alguma razão, esse texto nunca foi oficialmente traduzido para o português, mas encontramos versões em espanhol e francês. Tentando desvendar todas essas questões, e contribuir para essa discussão, edições Aurora apresenta a tradução do ensaio, que será distribuído no lançamento do *Jornal de Borda*.

POR JÚLIA AYERBE E LAURA DAVIÑA

[ato limite]

POR ANA LIRA

[para ler em voz alta, em duplas ou outras configurações possíveis, com afinidade.]

[B] – Deus, uma superfície de gelo ancorada no riso.

[A] – Deus, uma superfície de gelo ancorada no riso.

[B] – Esta é a minha fala.

[A] – É a minha narrativa. Siga.

[B] – Eu sou a louca, a forte, a insensível.

[A] – Quem isso te disse? Esta é a minha fala.

[B] – Alguém me disse.

[A] – Todos. Todos disseram. Figa.

[B] – Uma pessoa fria ancorada em sorriso. Me disseram. Isso tocou o meu Deus interior.

[A] – Que Deusas te acompanham?

[B] – Experimentalismo e ressonância. Minhas palavras. Acho que eu nunca fiz nada sem colocar essas Deusas juntas.

[A] – Estas são minhas orações. Siga.

[B] – Eu estou falando do fazer junto, dentro de uma linguagem. Acredito em potencializar as linguagens. Não anular ou simplesmente somar. Dar vazão para que se encontrem e se transformem dentro de si mesmas.

[A] – Eu não estou te anulando. Ou estou? Diga...

[B] – Gosto da palavra *solidariedade*. *Sororidade* eu ainda preciso pensar.

[A] – Pensar se somos a mesma pessoa. Um arquétipo.

[B] – Eu fiz um esforço enorme para me reconhecer. Aqui, eu ando sem me reconhecer. Me olham pelo meu estilo ou pelo meu cabelo. Estão sempre com um olhar...

[A] – Não compreendo... Siga...

[B] – Eu estive em um lugar onde havia negras lindas. Lá, eu não era diferente. Eu era mais uma. Isso me tocou. Eu sempre gostei de usar cor. Vermelho. Laranja. Diziam: “Menina, você já é negra, quer aparecer mais?”. Abafei isto em mim.

[B] – Todas as mulheres. As mulheres rurais, as mulheres urbanas, as mulheres marginais.

[A] – E Hilda?

[B] – Eu relaxei. Eu tomei vinho. Eu fumei. Eu conversei com Hilda. Eu li. Eu tatuei. Somos iguais à morte. Ignorados e puros. E bem depois (o cansaço brotando nas asas) Seremos pássaros brancos à procura de um deus.

[A] – Queremos uma Casa de Sol. Iluminada. Queremos descansar e criar. Figa.

[B] – Na minha vida, eu sempre quis um projeto. Que fosse o meu projeto. Sempre trabalhei com os outros. Este projeto tinha que ter mulher, verdade, morte e

na infância por medo. Neguei o meu lado Iansã. O meu lado da movimentação, da mudança, do criar.

[A] – É um ato-limite.

[B] – Eu tenho uma história de vida em que a morte foi muito presente.

[A] – Tristeza?

[B] – Triste é a falta de verdade. A comunicação... te ilude muito. Faltar verdade com o que se vive.

[A] – Figa!

[B] – Articular com a verdade me deixa à vontade para exercer minha articulação. Eu não sei se eu estou te respondendo...

[A] – Sim. Siga...

[B] – É na divisão dos tempos que eu tenho meu espaço de criação. Ter meu lado articulador e não sabotá-lo. Eu dependo de sua existência para poder sobressair o meu lado criativo.

[A] – É neste espaço em que estamos?

[B] – É um espaço de luta. Reconhecemos nossas vozes. Não estamos sós.

[ato-limite. único. iluminação livre. mulheres negras]

NOTA-BASTIDOR

vida. Porque morte é vida. Produzi uma Não Proposta e a casa se revelou.

[A] – Você chegou e o tempo mudou. Tu és filha de Iansã? Menina, que força! Siga!

[B] – Entrei na Casa do Sol no dia de Iansã. Eu sou filha de Iansã. Eu neguei



[ATUAR.DIVERSAS.DIÁLOGO.AFETO.MARCHA.MUNDIAL.MULHERES.RECIFE]

[A] – A terra é o fogo sob os nossos pés. Figa.

[B] – Eu mudei. Eu não estou só. Onde eu estiver, eu sei que elas estarão comigo.

[A] – Quem são elas? Diga.

Fronteira, uma homenagem à Gloria Anzaldúa

POR ALICIA ANDARES

1 I am becoming-being
the questor the questing the quest
You and I have already met
We are meeting we will meet
The real unknown is feeling
The real unknown is love
do not be afraid
to touch each other
We go naked here

This is not the year of revenge
Give it up give up that hatred
of yourself rise up reach
Come to me my sister-brother
We will share the moment
We are the awakening feminine presence
We are the earth
We are the second coming

2 Yo soy un puente tendido
del mundo gabacho al del mojado,
lo pasado me estira pa'trás
y lo presente pa'delante,
Que la Virgen de Guadalupe me cuide
Ay ay ay, soy mexicana de este lado.

3 Esos movimientos de rebeldía que tenemos en la sangre nosotros los mexicanos surgen como ríos desbocados en mis venas. Y como mi raza que cada en cuando deja caer esa esclavitud de obedecer, de callarse y aceptar, en mi está la rebeldía encimita de mi carne. Debajo de mi humillada mirada está una cara insolente lista para explotar. Me costó muy caro mi rebeldía (...) Repelé. Hablé pa'trás. Fui muy hocicona. Era indiferente a muchos valores de mi culture. No me dejé de los hombres. No fui buena ni obediente. Pero he crecido. Ya no sólo paso toda mi vida botando las costumbres y los valores de mi cultura que me traicionan. También recojo las costumbres que por el tiempo se han probado y las costumbres de respeto a las mujeres. But despite my growing tolerance, for this Chicana la guerra de independencia is a constant.

Recomendamos leer de Gloria Anzaldúa: “La prieta” y “Hablar en lenguas. Una carta a escritoras tercermundistas”, en Cherrie Moraga y Ana Castillo (eds.). Este puente, mi espada. Editorial “ismo”, San Francisco, 1988, págs. 157-168 y 219-227, 1977), editora en www.planetaria.org | Correo: alicia-andares@gmail.com || Lugares de donde se extrajeron las citas: 1. “The coming of el mundo surdo”, en El mundo surdo. | 2. “El otro México”, en Borderlands/La Frontera. | 3. “Movimientos de rebeldía y las Borderlands/La Frontera. | 7. “Hablar en lenguas”, en Este puente, mi espada. | NOTA: En español zurdo se escribe con Z. La autora escribe deliberadamente con S.

4 I know that el árbol de la vida of all people has indigenous roots. But I also know that the past cannot be captured, but it must be remembered. Yet there is a cultural and linguistic revitalization movement going on with strong intertribal exchanges and negotiations. Planetary, indigenous movements have multiplied, and a new tribalism is emerging. Even though it may be the hardest thing we'll ever do, we have to come together, work with each other, learn about each other, listen to each other, value each other. We stand before the abyss between our worlds, psyching ourselves to leap. We have to use every means to transform ourselves and our society. I watch Coyolxauhqui, the moon, I see her rise. And I wait for the sky to rear up.

5 I will no longer be made to feel ashamed of existing. I will have my voice: Indian, Spanish, white. I will have my serpent's tongue –my woman's voice, my sexual voice, my poet's voice. I will overcome the tradition of silence.

6 The snake is a symbol of awakening consciousness –the potential of knowing within, an awareness and intelligence not grasped by logical thought. Often nature provokes un "aja" or "conocimiento", one that guides your feet along the path, gives you el ánimo to dedicate yourself to transforming perceptions of reality, and thus the conditions of life. Llevas la presencia de este conocimiento contigo. You experience nature as ensouled, as sacred. Este saber, this knowledge, urges you to cast una ofrenda of images and words across the page como granos de maíz, like kernels of corn. By redeeming your most painful experiences you transform them into something valuable, algo para compartir or share with others so they too may be empowered. You stop in the middle of the field and, under your breath, ask the spirits –animals, plants, y tus muertos– to help you string together a bridge of words. What follows is your attempt to give back to nature, los espíritus, and others a gift wrested from the events in your life, a bridge home to the self.

7 Escribe con tus ojos de pintora, con oídos de música, con pies de danzantes. Tú eres la profeta con pluma y antorcha. Escribe con lengua de fuego. No dejes que la pluma te destierre de tí misma. No dejes que la tinta se coagule en el bolígrafo. No dejes que el censor apague la chispa, ni que las mordazas te callen la voz. Pon tu mierda en el papel.

9-227, respectivamente. \ El mundo surdo. Small Press Traffic, San Francisco (sin fecha de edición), 84 pp. \ Borderlands/La Frontera. Aunt Lute Books, San Francisco, 2a. ed., 1999, 262 pp. \ Selección de fragmentos: Alicia Andares (México, D.F., 1999), "El mundo surdo y las culturas que traicionan", en Borderlands/La Frontera. \ 4. "Speaking across the Divide", en El mundo surdo. \ 5. "How to Tame a Wild Tongue", en Borderlands/La Frontera. \ 6. "Now let us shift... the path of conocimiento... inner works, public acts", en

ARESTAS

Cada geração reinventa sua própria versão do feminismo. Conversa com Katy Deepwell

POR FERNANDA GRIGOLIN

A imprensa e as publicações, sejam de artistas, antologias teóricas ou revistas, sempre estiveram presentes nos coletivos e ações feministas. E para saber mais da prática impressa, conversamos com Katy Deepwell. Professora, artista e pesquisadora inglesa, ela é editora da revista

Feminism is a global movement for social transformation and also a theory. It should not be seen as separate from most urgent global issues and much less from the queer theory, the fight against racism, or even very current issues, such as the crisis in Europe over refugees, for example. In your opinion, how does feminism, seen from a diverse and comprehensive perspective, relate to these various events on a daily basis?

While recently we have seen the phenomenon of “everyday sexism” (Laura Bates), feminism has always declared that “the personal is political” – this was an early slogan of the Women’s Liberation Movement. Women engaging with feminism(s) (a plural not singular feminisms) often start from an examination of their own location, their own position in life and identifying sexism and discrimination within that.

Feminism’s appeal to women is that it makes sense of the contradictions and difficulties in their experiences, their life and the conflicts they know and are aware of around them. However, feminism is not some kind of self-indulgent philosophy of the self, nor is it an extreme valuing of women’s subjectivity over that of others; it is a collective political movement for change because feminism recognises the asymmetry in women’s experience

famine, political settlements or compromises are often ignored, making feminist analysis and action even more urgent and necessary.

The relationship between feminism and contemporary art dates back to a long time ago, since the 1960s. Why is this relationship still so necessary? What is it like nowadays?

I could say each generation reinvents its own version of feminism as

women consider how their art practices can speak to what it means to be a woman in the world today. However, feminism is not just a response to “being a woman”, because this is often misread as only an exploration of the “feminine” or an invested concern with representations of the female body, but it is also an identification with a history of feminism which is complex and multi-layered because there are many types of feminism(s). This identification with feminism is not just about identification with a history of women artists as role models or the making of a feminist lens on the world (a way of comprehending it), it is about identifying and acting with many different political and social struggles against sexism, for women’s rights, against oppression and violence, for liberation and emancipation in many areas of daily life, including freedom of expression.

N.Paradoxa. Uma revista de viés transnacional, transgeracional e política. Um lugar da arte. Um lugar para os feminismos. Acompanhe.

Feminismo é um movimento global pela transformação social e também uma teoria. Ele não deve ser separado dos temas globais mais urgentes e muito menos da teoria queer, do combate ao racismo, ou mesmo de questões atualíssimas, como a crise na Europa sobre os refugiados, por exemplo. Para você, como o feminismo, visto de uma forma diversa e abrangente, se relaciona cotidianamente com essas diversas narrativas?

Enquanto nós temos visto recentemente o fenômeno do “sexismo cotidiano” (Laura Bates), o feminismo sempre declarou que “o pessoal é político” – este foi o slogan inicial do Movimento de Libertação da Mulher. Mulheres que entram em contato com o feminismo(s) (um plural, feminismo(s), não singular) muitas vezes começam a partir de

um exame da sua própria situação, da própria posição na vida, e identificando o sexismo e a discriminação nisso. O apelo do feminismo às mulheres é o que dá sentido às contradições e dificuldades em suas experiências, suas vidas e os conflitos que elas conhecem, conscientes do que os circunda. No entanto, o feminismo não é um tipo de filosofia autoindulgente do ser, nem uma valorização extrema da subjetividade das mulheres sobre a dos outros; é um movimento político coletivo para a mudança, pois o feminismo reconhece a assimetria na experiência das mulheres em todas as esferas da vida. Este movimento político significa formar alianças internacionais com mulheres que podem viver e trabalhar em diferentes circunstâncias para si mesmas. Trata-se de vincular experiência pessoal ao conhecimento político e, finalmente, à ação – inclusive fazendo arte. Teoria feminista é o termo genérico para muitas análises feministas diferentes sobre o que precisamente significa ser definida como uma mulher

hoje, social, econômica e politicamente. Toda teoria é política, especialmente na política cultural – mesmo que não deva ser simplesmente definida em termos de esquerda e direita (na política). A questão dos valores ocorre em todas as “escolhas” que fazemos, e o que é apoiado, mantido ou criticado é também fundamental para a teoria da arte e a teoria feminista. Estas “decisões” são comunicadas pela política e têm implicações políticas. A contribuição do feminismo para as crises globais atuais tem sido a de chamar a atenção para a posição e situação das mulheres que também são migrantes, pessoas deslocadas, vítimas de estupro, sujeitas à exploração no trabalho, que vivenciam a pobreza, são forçadas a se prostituírem, abusadas sexual e fisicamente e separadas de seus filhos ou famílias. A falta de quaisquer referências ao gênero, gerador de diferentes experiências dessas crises globais conhecidas, é frequentemente bem impressionante. A política sexual de guerra, conflito, tortura, prisão,

in all walks of life. This political movement means forming alliances with women internationally who may live and work in different circumstances to your own. It is about linking personal experience to political knowledge and ultimately action – including making art. Feminist theory is the generic term for many different feminist analyses of precisely what it means to be defined as a woman today, socially, economically and politically. All theory is political, especially in cultural politics - even though it might not be simply defined in terms of left and right (in politics). The question of values occurs in all the “choices” we make, what is supported, maintained or criticised is fundamental to art theory and feminist theory. These “decisions” are informed by politics and have political implications. Feminism’s contribution to current global crises has been to draw attention to the position and plight of women who are also migrants, displaced peoples, victims of rape, subject to exploitation in labour, experience poverty, forced into prostitution, abused sexually and physically and separated from their children or families. The lack of any references to gender as producing different experiences of these known global crises is often quite striking. The sexual politics of war, conflict, torture, imprisonment, violence,

violência, fome, acordos políticos ou compromissos é muitas vezes ignorada, tornando uma análise e ação feminista ainda mais urgentes e necessárias.

A relação do Feminismo com a arte contemporânea é antiga, data dos anos 1960. Por que essa relação ainda é tão necessária? Como ela toma novas roupagens hoje em dia?

Eu poderia dizer que cada geração reinventa sua própria versão do feminismo à medida que as mulheres ponderam o modo como suas práticas de arte podem comunicar o que significa ser uma mulher no mundo de hoje. No entanto, o feminismo não é apenas uma resposta ao “ser mulher”, pois isso às vezes é mal interpretado como sendo apenas uma exploração do “feminino” ou uma preocupação dirigida às representações do corpo feminino, mas é também uma identificação com uma história do feminismo, que é complexa e multifacetada, considerando-se que há muitos tipos de feminismo(s). Essa

identificação com o feminismo não é apenas a identificação com uma história de mulheres artistas como modelos a seguir, ou a construção de uma perspectiva feminista sobre o mundo (uma maneira de compreendê-lo); trata-se de identificar e agir por meio de muitas lutas políticas e sociais diferentes contra o sexismo, pelos direitos das mulheres, contra a opressão e a violência, pela libertação e emancipação em muitas áreas da vida diária, incluindo a liberdade de expressão.

No ano de 2007 você juntamente com Judy Freya Sibayan participaram da Documenta XII. A discussão que levaram ao espaço foi sobre a participação de mulheres artistas. Conte-nos um pouco sobre essa experiência dentro de um dos principais lugares para exibir e conhecer arte.

O *N.Paradoxa* e o *CTRL + P*, que editamos separadamente, foram selecionados para o projeto de revista Documenta XII, que escolheu

In 2007, together with Judy Freya Sibayan, you were involved in Documenta XII. The discussion that you held there was on the engagement and contribution of women artists. Tell us a little bit about your experience in one of the main spaces for exhibiting and understanding art.

n.paradoxa and *CTRL+P*, which we separately edit, were both selected for Documenta XII’s magazine project, which selected journals which represented how art’s discourse was informed by many non-commercial and not-for-profit journals. We were invited not only to present the journals but also to form a discussion/public debate on any topic we found relevant in the programme. Judy and I chose to discuss the representation of women in relation to the history of documenta because the facts of this are rarely discussed and Ruth

Noack’s curation of Documenta XII had highlighted a history of feminist art practices by women artists as well as having the highest percentage of women artists ever in the exhibitions’ history. She selected past and present work by key women artists, to emphasise feminism’s contribution to contemporary art. There was a very interesting approach set up which contrasted and set into dialogue masculinities and femininities in the exhibition.

periódicos que representaram o modo como o discurso da arte foi transmitido por muitos jornais não comerciais e sem fins lucrativos. Fomos convidados não apenas a apresentar os periódicos, mas também a formar uma discussão/debate público sobre qualquer tema que consideramos relevante no programa. Judy e eu decidimos discutir a representação das mulheres em relação à história da Documenta, pois fatos relativos a esta raramente são discutidos, e Ruth Noack, curadora da Documenta XII, havia destacado uma história de práticas de arte feministas por mulheres artistas; além disso, a Documenta XII teve a maior porcentagem de mulheres artistas de toda a história da exposição. Ela selecionou trabalhos antigos e atuais realizados por importantes mulheres artistas, visando a enfatizar a contribuição do feminismo para a arte contemporânea. Uma abordagem muito interessante, que contrastava e colocava em debate masculinidades e feminilidades, foi instalada na exibição.

N.PARADOXA NÃO É APENAS UM PERIÓDICO SOBRE MULHERES ARTISTAS (ARTES VISUAIS, PÓS-1970), EMBORA SEJA UM ESPAÇO RESERVADO PARA MULHERES ESCRITORAS QUE EXPLORAM OS FEMINISMOS. N.PARADOXA APRESENTA DEBATES BASEADOS EM UMA AMPLA GAMA DE TEORIAS FEMINISTAS, ALÉM DE PUBLICAR DISCUSSÕES SOBRE ESSES DEBATES EM RELAÇÃO ÀS PRÁTICAS DE MULHERES ARTISTAS. ALGUMAS PARTICIPAÇÕES NA REVISTA SÃO HISTÓRIAS RECENTES QUE VISITAM O LEGADO DA DÉCADA DE 1970, OUTRAS SÃO ENTREVISTAS COM CURADORAS E ARTISTAS, MAS A MAIORIA EXPLORA ASSUNTOS, IDEIAS, MÉTODOS OU ÁREAS EM QUE O DEBATE FEMINISTA PRECISA REPENSAR, REVER OU RECONSIDERAR SUAS IDEIAS À LUZ DOS TRABALHOS DE ALGUMAS MULHERES ARTISTAS.

www.ktpress.co.uk

O que é Lanchonete.org? Onde está a Cidade Queer? E por que agora?

POR TODD LANIER LESTER

Lanchonete.org é uma plataforma artístico-cultural cujo foco são as pessoas que vivem, trabalham e participam da cidade contemporânea, mais especificamente as que se situam no Centro de São Paulo. Ela recebe esse nome por ser a lanchonete um lugar de convívio onipresente, iluminado por lâmpadas fluorescentes, de fácil acesso. São os pontos de comércio que povoam quase cada esquina. No projeto há aproximadamente trinta pessoas que participam, são arquitetos, urbanistas, professores, estudantes, ativistas, membros do movimento de moradia, jardineiros, jornalistas etc., e ainda está crescendo. Nossa ideia vai ao encontro do “direito à cidade”, desenvolvido inicialmente pelo sociólogo e filósofo francês Henri Lefebvre.

Você me pediu para eu falar de mim... e por que escolhi para concentrar minha prática com base na comunidade de arte e em São Paulo. A resposta é: cidades me fascinam. Elas são, na verdade, compostas de comunidades, e meu trabalho está quase sempre em diálogo com diversas formas de organização em comunidade. Certa vez fui solicitado a explicar esta posição – que tenho chamado de testemunho –, na ocasião de um festival em 2013 com sede em Dallas, Estados Unidos, intitulado Fazendo Arte com Propósito (MAP). Minha resposta está aqui:

“Testemunho artístico é um termo que uso quando me refiro ao ritmo e à frequência de uma pessoa criativa envolvendo a si mesma em uma comunidade ou questão social. Conhecer, construir confiança e, eventualmente, sintetizar informações para outros membros da comunidade por meio de seu processo e forma de arte.”

E, embora eu acredite que há uma imensa responsabilidade implícita para esse estilo de trabalho, também entendo que o papel de testemunho não equivale ao que Kant denominou “experiência vivida”, que, portanto, não pode “chegar” com certeza... e talvez melhor se refere a um flâneur benjaminiano atualizado. Isso pode significar que um, como eu, observa atentamente antes de se juntar e interagir. Isso toma tempo, e é por isso que eu digo que Lanchonete.org é um projeto de pelo menos cinco anos.

Muitas vezes me perguntam se o projeto é acerca de gentrificação. Dado que Lanchonete.org (e Cidade Queer) tem um componente de residência artística, venho conversando ultimamente com um monte de artistas sobre vir para a cidade para pesquisa e desenvolvimento de trabalho. Essa conversa acontece com frequência – quanto mais hospedamos novas pessoas – e nos conduziu a um envolvimento no tema da gentrificação: aproximar-se da gentrificação ou de áreas gentrificadas com um conjunto de preconceitos não é útil enquanto uma abordagem de interpretação sobre a cidade, seus movimentos e como ela se relaciona quanto a certas ideologias (por exemplo, infraestrutura e sua relação com o capital) por um ponto de vista crítico.

Minha própria abordagem é olhar bem acima do sistema ou dessa superestrutura que se beneficia da demarcação de classe, e desafiar a ideologia dominante por obstruir laços culturais que transcendem classe. É fazer um projeto no espaço público, estes espaços pedestres do centro de São Paulo, com o intuito de atrair a atenção e o interesse de pessoas de diferentes contextos culturais e socioeconômicos, incluindo recém-chegadas populações imigrantes, por exemplo.

Na sua essência, o discurso sobre o direito da cidade é acerca da compreensão das condições em que as pessoas e ideias movem o mundo, tanto física quanto conceitualmente – e o papel das culturas dominantes em perpetuar o mito neoliberal de oportunidades face ao que Lefebvre denominou uma iminente “metamorfose planetária” em seu trabalho final: a “preocupação” global sobre a qual as comunidades estranhas podem ter insights. E enquanto o velho marxista não estava falando com

uma comunidade específica, acredito que ele tenha entendido que havia grupos dentro da cidade contemporânea que não estão experimentando direitos. Isso me leva à pergunta final: “Por que agora?”.

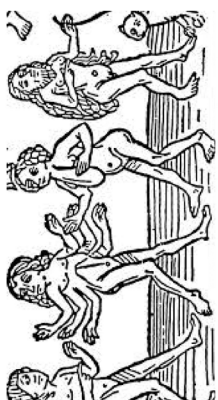
Na medida em que as cidades mais importantes do mundo têm limitações de movimento no espaço, por uma variedade de razões (incluindo a migração rural-urbana, imigração, mobilidade forçada etc.) e por causa de instituições, grupos e pessoas com acesso privilegiado a imóveis, uma pergunta deve ser feita: Podem diversos bairros persistir e sobreviver perto de epicentros da capital? Embora eu, pessoalmente, me preocupe com a “metamorfose planetária” de que Lefebvre falou em seu trabalho final, a dissolução de cidades, a metamorfose planetária (1989), também acredito que existem soluções lá fora.

A nomeação de um projeto de Cidade Queer é uma provocação e ocasião tanto para não definir o que é o queer ou imaginar que isso significa somente uma coisa, quanto para buscar entender como um futuro urbano queer pode se dar. José Esteban Muñoz começa seu livro *Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity* (2009), com estas palavras: “A questão queer é uma aspiração para o futuro. Ser queer é imaginar possíveis futuros melhores”.

ESTE ANO TAMBÉM HOSPEDAREMOS UM FOTOJORNALISTA DO HAITI PARA DOCUMENTAR A CRESCENTE COMUNIDADE DA DIÁSPORA HAITIANA NO BRASIL, BEM COMO A ARTISTA ZIMBABUANA LUCIA NHAMO, QUE RECEBEU DO ENCONTROS DE BAMAKO (BIENAL DE FOTOGRAFIA NO MALI) O PRÊMIO DO JÚRI DE UMA RESIDÊNCIA DE DOIS MESES COM LANCHONETE.ORG EM SALVADOR E SÃO PAULO. LANCHONETE.ORG PEDIU AO JÚRI PARA SELECIONAR UMA ARTISTA MULHER CUJO TRABALHO TOCASSE OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS SOBRE AS MIGRAÇÕES AFRICANAS CONTEMPORÂNEAS. ESTAMOS MUITO ANIMADOS COM TODAS ESSAS ATIVIDADES EM 2016 E CONVIDAMOS OS LEITORES DO BORDA PARA SE JUNTAREM A NÓS EM NOSSOS PRÓXIMOS EVENTOS! PROCURE LANCHONETE.ORG NO FACEBOOK.

PREPARAÇÃO DE TEXTO RAPHAEL DAIBERT

Feiticeira. Monstro. instável



POR UM DEVIR MONSTRO

lésbica

Pressione "Enter" para pesquisar.



Seja revolucionária
- não seja isca



NÍTIDA E SOFIA BAUCHWITZ

“**A**s lésbicas não são mulheres”, conclui Monique Wittig no ensaio “O pensamento hétero” (1980). O termo mulher, e tudo o que implicaria ser mulher, está inserido em uma sociedade heterossexista, ou seja: a imagem dita feminina foi construída nas suas relações (de submissão, muitas vezes) com os homens. A lésbica não se enquadra ao conceito pelo simples fato de não manter relações heterossexuais e, portanto, fica à parte desse sistema.

As ideias de Wittig vão ao encontro dos estudos de Adrienne Rich, que, em seu ensaio “Heterossexualidade compulsória e Existência lésbica” (1982), faz uma ampla crítica à heterossexualidade como instituição obrigatória. A autora acredita que o ser hétero é colocado como condição inata e, sendo assim, torna-se um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional às mulheres. Segundo Rich, “a negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres [...] tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar”.

No final das contas, as mulheres que não estão ligadas aos homens, além de serem consideradas “antinaturais, desvios ou aberrações”, acabam sendo condenadas a uma devastadora marginalidade, muito maior que a de apenas ser do sexo feminino - condição que, por si só, já nos coloca em posição inferior, em posição de objeto.

Para a reflexão em um contexto atual, é importante lembrar que os textos referidos acima foram escritos nos anos 1980. A partir disso, nós nos questionamos: em mais de trinta anos aconteceram, de fato, mudanças? A cultura falocêntrica continua dominando de diversas formas; e ser lésbica, sair do sistema heterossexual, segue beirando o invisível e revela-se, ainda, um ato revolucionário.

Quando um homem se expressa, ele está problematizando o mundo; quando uma mulher se expressa, sua obra assume um tom confessional. O homem, detentor do poder e do discurso normativo, é o Sujeito, e a mulher, o Outro. E que forma assume esse Outro? A loucura, a aberração, a histeria, a monstrosidade. A mulher assume o papel de monstro, ser folclórico e mitológico, figura maligna a ser combatida pelo guerreiro.

Esse mesmo monstro é o que se torna objeto de desejo. Como a sereia, monstro assassino, que foi sendo adornada até virar espuma no conto de Hans Christian Andersen. A representação do feminino, desde os primeiros movimentos pictóricos, segue arquétipos criados pela imaginação masculina. O espectador assumido é homem, heterossexual, e a imagem da mulher é projetada para agradar a ele, como tantos escritores descreveram em suas obras e personagens.

Mas, se nos assumirmos como espectadoras da arte, que papel assumimos para que não sejamos apenas expectadoras? Em que pesa nossa crítica diante de nossa produção artística?

Pegue este jornal e amasse-o. Forte, rápido! Reduza-o a uma pequena bola de papel compacta. Transforme todo seu conteúdo em um volume. Transforme-o em uma coisa.

PS.: Imaginando a possibilidade de que alguém realmente tenha amassado o jornal, disponibilizaremos o conteúdo desta página no site www.nitidafotografia.wordpress.com e www.sofiabauchwitz.com.

OUTROS IMPRESSOS

Bom, quando o Guilherme me convidou para fazer parte dessa publicação falando sobre a boate como um espaço político que permite uma reflexão sobre a subjetividade, a performatividade, a questão do corpo, ou seja, como uma espécie de dispositivo social, eu pensei num primeiro momento em fazer um texto de caráter teórico e conceitual porque na verdade isso tem a ver com algumas pesquisas que eu venho desenvolvendo tanto como artista quanto como curador e pesquisador há alguns anos e que se relaciona de alguma forma com o meu mestrado, que intitulei Poéticas Virais e tratava, entre outras coisas, da questão da AIDS e de como ela afetou a produção cultural contemporânea. Na pesquisa eu tinha como um dos principais objetos de estudo o coletivo artístico General Idea, um grupo muito importante e que era extremamente ligado também com esse espaço da boate, seu imaginário, a cultura da noite, a cena queer etc. Mas logo depois que pensei em fazer um texto mais desse caráter, enfim, falando de artistas que eu acho que operam esse lugar da boate como um assunto e levam isso pra dentro do campo da arte discutindo isso a partir de um viés político, antropológico, social, pensando questões de gênero, de corpo e performatividade, acabei optando por realizar outro tipo de reflexão, porque isso já se expressa de alguma forma e já está um pouco claro e materializado em alguns trabalhos que eu tenho feito nos últimos tempos, quando existe a possibilidade de fato de articular esse tema nos projetos que eu realizo. Então eu acabei de fato abrindo mão de fazer um texto com esse viés e achei mais interessante partir para uma coisa mais de depoimento e, não sei, nada muito aprofundado, mas que para mim era mais interessante no momento, parecia mais real falar do vivido e fazer uma coisa menos conceitual ou teorizada, embasada. Para mim parecia um pouco frio, e afinal esta publicação não me cobrava necessariamente esse tipo de produção especificamente, então eu achei que pela primeira vez seria interessante fugir da própria figura do pesquisador e ir para um lugar mais do vivido e que nesse sentido é interessante porque muitos dos ensaístas que me interessam como o Foucault, por exemplo, viviam o que escreviam, então também tem isso. Eu acho que o campo da experiência, enfim, como o próprio Deleuze falava – olha, já estou teorizando de novo, mas enfim –, às vezes pode ser muito mais interessante por ser esse lugar da vida. Mas a par dos teóricos que me interessam, e dos artistas que eu tenho pesquisado nos últimos anos, refletindo sobre esse lugar da boate como esse dispositivo político e artístico, eu acho que esse depoimento traz questões que estão em contato com isso e obviamente respondem a esse meu interesse e contam um pouco de como eu enxergo essa potência.

Bom, eu acho que tudo começou lá atrás. Meu pai e minha mãe eram muito ligados à arte, lembro-me de coisas que já foram de certa forma me levando para isso. Eu me lembro do meu fascínio, por exemplo, por figuras que na época eu não entendia muito bem o porquê que elas me fascinavam tanto, como a Grace Jones, a Kate Bush, a Siouxsie do Siouxsie & the Banshees, enfim, que eram artistas que minha mãe escutava muito, assim como figuras do rock nacional, como a May East, que foi vocalista da banda Gang 90 e as Absur-

TWILIGHT ZONE

dettes e que eu achava muito interessante, tanto a imagem quanto a música! De alguma forma aquilo me chamava muita atenção. Lembro me também de uma vez em que me aconteceu uma coisa muito interessante – nunca mais vou me esquecer disso – quando eu tinha uns 13 anos, minha mãe me levou ao museu para ver uma exposição do Robert Mapplethorpe – era a primeira vez que o Robert Mapplethorpe tinha uma grande exposição no Brasil, foi no MAM – e não queriam me deixar entrar porque tinha uma faixa etária e minha mãe virou e falou assim: – Eu me responsabilizo. Eu fui muito privilegiado nesse sentido, assim, por ter crescido numa casa, enfim, onde circulou muita referência bacana. Tanto que dentro da minha própria casa eu nunca tive problema nenhum com questões como sexualidade e etc. Na verdade, isso pode ter sido muito bom, mas me causou alguns problemas também porque eu me sentia muito confortável dentro da minha própria casa e quando eu saía era de fato quando acontecia o choque com o mundo. Por eu não ter uma postura normativa dentro da minha própria casa, por esse choque não começar de dentro, essa lida com o fora foi muito difícil, eu acho que por isso na escola eu acabei me conectando com pessoas que de fato eram mais parecidas comigo; assim, talvez fossem as pessoas que mais fugiam do padrão de certa forma. Com 15 anos acho que foi o ápice e aí eu estava bem envolvido com essas pessoas na escola, enfim, porque já sabendo que eu era gay – e você é gay e fora do peso, então você realmente é fora, né? E aí foi muito boa essa turma da escola porque foi quando eu me envolvi efetivamente com algumas cenas que acabaram me levando para essa vivência da boate, como esse lugar possível. E essa turma era legal porque era uma mistureba, na verdade, tinha o pessoal mais ligado à música eletrônica e as pessoas mais do rock. Eu tive sorte porque era um pessoal bem antenado, circulou muito coisa por ali, consumíamos muita informação, víamos muitos filmes, ouvíamos muita música, íamos a muitos shows, festas, e era engraçado porque hoje eu penso como é que chegávamos a isso tudo, porque na época a internet era ainda um pouco limitada em termos de redes sociais, mas de fato éramos ratos de myspace, fotolog, essas coisas. Ah! E dá-lhe RG falso. Bom, a partir desse momento, a coisa foi se abrindo. Na verdade, tudo estava ali se construindo, mas era também um grande enigma. Mas eu acho que depois dessa fase que eu tinha sido bombardeado com muitas informações e a coisa se abriu, chegou a época da faculdade, quando, de fato, eu comecei a entender conscientemente esse lugar da noite como, enfim, um espaço que eu podia ocupar de alguma forma.

Na época da faculdade eu comecei a frequentar outros lugares. A Lôca obviamente era um lugar a que a gente adorava ir, era muito interessante, a Lôca foi um lugar muito importante para mim. Eu nem consigo talvez narrar ou colocar aqui em tão poucas palavras todas as experiências que foram vividas ali, mas foi um lugar muito importante nesse sentido. Na época da faculdade eu acabei me conectando com pessoas – de novo – que, a meu ver, tinham alguma ligação com aquilo com que eu, sei lá, me relacionava afetivamente em termos de gostos, prazeres, enfim. Com essa turma da faculdade comecei a

CONTRA

frequentar lugares que eu acho que foram realmente muito importantes para mim, pois foi quando eu comecei a refletir sobre esse lugar da boate como um dispositivo social, político e artístico. A Torre, nesse sentido, foi inegável – pra quem me conhece, sabe que eu sou um grande saudosista de lá, existe uma eterna nostalgia –, assim como o Susi in Transe, a Ampgalaxy, o Lov.e... Não sei, nessa época a gente saía muito, íamos a muitos lugares e o que eu acho que começou a ficar forte ali para mim era que aquilo – óbvio, nunca deixou de ser entretenimento e diversão, mas parecia que eu entendia sem teorizar muito as outras camadas que passavam por ali, foi tomando um outro valor. Eu acho que as coisas que eu estava vendo no momento na faculdade – época em que eu comecei a me aprofundar muito – vamos dizer assim, intelectualmente falando – fizeram com que a boate ficasse mais interessante também, um lugar que não era só pra dançar, etc. – embora fosse. Nessa época esse entendimento maior que eu tinha sobre esse lugar de fato, politicamente falando, como um lugar onde você pode ser e ponto, você é o que você quiser e é um lugar onde você pode sobreviver, no sentido de sobreviver ao mundo, sei lá, como uma linha de fuga, uma válvula de escape, uma tangente, era uma sensação muito forte. Nessa época eu estava estudando Artes na faculdade e parecia que era mais um lugar onde eu podia ver arte além da universidade, da galeria e do museu. Parecia que eu ia para a boate também pra ver coisas que eram arte, sei lá, ou que era uma arte que me interessava mais. E só voltando a uma parte importante, essa coisa de ser gay e fora do peso... Bom, eu lembro quando eu conheci a Divine e o Leigh Bowery... Aquilo foi incrível também, foi muito revelador, assim, por eles representarem tudo isso e foi mais ou menos nesse mesmo momento também. Figuras como a Cláudia Wonder, a Charlotte Maluf, entre outras, foram muito fortes para mim, assim como o Xu, que foi bastante importante também por conta do projeto Max que ele fazia e embora eu tenha frequentado pouquíssimo, foi um local que me marcou muito, subjetivamente falando. Enfim, todas essas pessoas, entre outras, foram muito importantes nesse sentido. Eu acho que justamente por tudo isso que eu acabei depois me interessando talvez, de certa forma, por artistas que integravam esses dois ambientes, assim: o ambiente da arte, ARTE, né – com caps lock, sei lá, isso no senso comum do que é a Grande Arte ou do que é arte em termos institucionalizados ou de historicidade – e dessa arte que surgia ali na boate. Uma grande parte dos artistas que me interessam são artistas que de certa forma refletem esse ambiente como um dispositivo – como eu já falei, social, político. Meu interesse tanto como artista quanto como curador e como pesquisador em uma grande parcela da minha produção se volta para isso e eu acho que vem desse encontro, que aconteceu ali naquele momento específico. E uma coisa que aconteceu nesse momento, que eu acho que foi muito importante, foram as pessoas que eu conheci ali... Eu de fato me tornei amigo delas e são amizades que duram até hoje.

A Liana Padilha, que era do No Porn, que foi talvez uma das referências mais importantes para mim, ela escreveu no Facebook esses dias: “No Xingu...” – enfim, que

/

foi outro lugar importante, mas que eu fui pouco, mas que me marcou muito – “... todo mundo era amigo e isso não é pouco”. Eu entendo muito essa frase. Foi na boate que eu comecei a trabalhar também porque foi onde eu fiz meus primeiros contatos profissionais, foi onde eu fiz grandes amigos e foi onde eu vi arte. Onde eu vi arte, é.

Bom, aí voltando para outra história, mas que também tem a ver com isso... São Paulo depois daquele momento ali da Torre e etc., as coisas foram fechando, foi muito esquisito. A gente passou por um momento de limbo bastante estranho na cidade. O Eclético's e o Netão, sei lá, eram tipo assim um respiro incrível dentro desse limbo que ficou. Eram ali os lugares de fato que traziam um pouco daquilo tudo de novo. Talvez numa escala menor, mas traziam. A festa Posh! por exemplo. E aí depois, mais nos últimos anos voltou, eu acho, uma potência nesse sentido por projetos como a Festa Mel e a Tenda – que é do próprio Guilherme Falcão com o Tiago Guinness –, que trouxeram uma possibilidade de sobrevivência. Essa questão da boate como esse lugar ou não lugar tem muito a ver com essa noção de sobrevivência, de sobreviver, de subverter. Talvez para não morrer. Não sei, é difícil viver. Acho que se torna um lugar possível, um lugar onde as duas pulsões andam juntas, vida e morte, e onde é possível sobreviver, talvez. Acho que a palavra é essa mesmo. Então esses projetos recentes trazem essa possibilidade de sobrevivência e de operar política e artisticamente a boate de novo. Além disso, eu acho que tem muito a ver com o momento que a gente vive da cidade, toda essa pauta de gentrificação, de gourmetização e etc., nunca se debateu tanto também a questão do queer, a questão trans, dos gêneros. Esse tipo de debate ganhou uma urgência novamente, enfim, eu penso muito sobre isso, são exemplos de projetos interessantes de citar nesse sentido de uma volta a esse lugar possível que é a boate. Tem uma diferença nesse novo momento, acho até interessante o nome

BRUNO MENDONÇA

do projeto do Guilherme e do Tiago ser Tenda, porque a tenda é algo que se arma e ela é visível, não é um esconderijo. É um esconderijo também, é muito engraçado, porque tem essa visão dupla mas ela é visível, não é uma trincheira, por exemplo, sei lá, uma casamata. Não, ela é visível. Então também tem essa questão nova de se publicizar, de dar visibilidade a esse movimento. Eu acho que a ideia de inferninho – muito por conta do momento que a gente vive a cidade – caiu por terra. Sim, é ainda um lugar em que você vai e entra e tudo lá dentro acontece, mas tem um movimento de se invadir a rua também, de um empoderamento, da rua, da esfera pública. Isso é muito interessante!

Por outro lado, eu reflito muito como eu observo essa nova geração que tem sei lá dez anos a menos que eu, ou mais, e que muitas vezes são meus próprios alunos e acabam frequentando os mesmos lugares que eu, essa nova cena... Fico observando essa geração e analisando como ela lida com esse espaço da boate, se é dessa mesma forma, como um dispositivo político. Mas, enfim, esses projetos – e a cada hora aparecem alguns na cidade e uns têm mais força do que outros – são projetos que mantêm esse lugar da boate vivo, como esse espaço em que vida e morte tão ali, arte e vida, enfim, esse lugar de sobreviver, de ser, de não ser.

Eu poderia falar aqui de outros mil nomes, enfim, ou que foram importantes para mim nesse sentido, nesse retrospecto, ou que são agora porque estão ativando, de fato, todas essas forças; mas seria uma lista muito grande – o que é bom, que mostra que isso continua sendo feito no aqui-agora e que, por outro lado, já rolou muita coisa. Mas para terminar, eu queria retomar uma música da May East. Ela fez um CD chamado Remota Batucada – acho esse nome muito interessante para a gente pensar também. Acho que é importante não deixar esse espaço ser uma remota batucada. Nessa música, chamada Twilight Zone, ela diz:

Existe uma zona entre/A luz e a sombra/O desejo e o medo/ Onde eu me autofotografo/Lá não tem gravidade/Tudo é permitido à visão/O olho rompe sua órbita/Meu cabelo arrepia/ Na Twilight Zone/Nada é proibido/Tudo é possível/É só imaginar/Eu vejo minha nuca/Todos os defeitos do Spielberg/Eu mordo minha isca

Originalmente Publicado em N:3 TWILIGHT ZONE, de Bruno Mendonça / Transcrição por Pedro Gallego / CONTRA é uma editora de zines criada por Guilherme Falcão / www.contraeditora.org

AÇÃO->POÉTICA->PENSAMENTO

Independente da profissão de seu proponente, seja este advogadx, artista visual, médicx etc... elx pode exercer uma atitude política ativa; ser ativista. Trata-se de um posicionamento que vai além da escolha profissional, uma atitude que se faz presente através da ideia e do fazer. Posicionamento que, também, pode não ser uma escolha, mas um motivo de vida.

O ativismo PODE ser a palavra que melhor represente x artista em efetiva ação, poética e pensamento. Por esse motivo, foram convidados quatro artistas contemporâneos – que a meu ver representam a arte brasileira em sua viva potência – para responder as seguintes perguntas: **Você se considera artista? Por quê?**

Trata-se de artistas que conseguem unir a teoria e o fazer em uma mesma construção poética. Artistas que realmente fazem do discurso uma ação. Visto que, hoje talvez mais do que nunca, vivemos entre um abismo da politicagem e o que realmente deveria ser um ato.

FABIANA BORGES Apesar de achar o termo artista uma boa conjunção, considero-o meio redutor, pois não opera com todos os sentidos que estão em jogo hoje em dia. Acho que pensar as catástrofes ambientais, a ecologia, a produção de tecnologia, o corpo, a diversidade étnica e de gênero, os desastres industriais e nucleares, o derretimento das geleiras, ou a transformação de países em desenvolvimento em celeiros da humanidade, as populações indígenas e sua resistência não é só coisa de artista e ativista, é uma questão de ética, em lato senso. Dar uma forma estética para isso é uma forma de expressar esse indizível, ou de criar dispositivo ainda mais ruptor. De modo que por um lado entendo que posso sim ser considerada artista, mas isso mais estreita do que abre os canais de conexão com o que está acontecendo hoje.

Meu lugar de ativismo mais potente neste momento tem sido o tecnoxamanismo (tecnoxamanismo.wordpress.com), e isso porque ele é um movimento que está dialogando com o seu tempo, com todas essas iminências, desastres e transformações do planeta, ele se une aos sobreviventes, aos indígenas, às vítimas de explosões nucleares ou de catástrofes industriais, como em Mariana. Ele investe nesse “outro olhar” que é um olhar mais aguçado e profundo, mais ancestral e por isso futurista, tentando fugir desse futuro imposto a partir dos desejos de onipotência, onipresença e onisciência (DEUS), que a ciência e a tecnologia perseguem. Então para mim o tecnoxamanismo é um trabalho artístico, ativista, ecológico, cósmico, conectivo, e em plena expansão, que vai tanto se sustentar em práticas artistas, ou de resistência, como vai trabalhar com ontologia, metafísica, ficção, hiperstição, produção de sentidos, subjetividade.

Todos os anos que passei com moradores de rua, ou com sem-teto e sem-terra, também não cabem no conceito de artista, não porque ele seja um conceito equivocado, ele só não dá conta do olhar de tudo que te olha e pede passagem dentro dos teus canais de *expressibilidade*. Acho que a questão aqui é a alteridade, o outro que te olha, e não a valorização de uma prática em si mesma, devidamente nomeada e mapeada.

Eu lembro a primeira vez que ouvi esse termo, foi depois do Mídia Tática Brasil, num texto no Caderno “Mais!” escrito por Juliana Monachesi. Na época esse termo gerou alguma discussão, e acabamos fazendo um evento na Casa de Túlio Tavares e Eduardo Verderame, chamado *arrivistas*, que parodiava os artistas, e arrivistas, todos sabem, são a personalização e a vaidade – pois foi o que o termo artista suscitou entre os coletivos de arte na época. É que na palavra artista falta a ideia de alteridade, justamente porque coloca a ação totalmente no ato de quem faz, nomeia, identifica, e na verdade é a coisa toda que estava fazendo a gente.

De modo que... talvez não seja um termo tão abrangente quanto as práticas que andamos fazendo... que está em todos os lugares, não só na arte ou no ativismo.

FABIANA FALEIROS Eu sou a Lady Incentivo. Falo sobre amor e dinheiro. Tenho um megafone, tenho um microfone. Tenho dito que mulher também tem cu demais, mulher também tem cu atrás e que quero todo o meu dinheiro de volta. Eu quero todo o meu dinheiro de volta. O dinheiro é público e a boceta é minha. Não sou da lei. Estou na rua, em palcos que não existem. Não trouxemos o projeto, nem somos o proponente. Você me ouve. Eu falo muito. Eu escuto. Eu sou o tempo. Sou as horas que ganhei, o sono. Gosto de usar o microfone para sair do corpo. Gosto de usar o microfone para ter outra voz. Para fazer sair do corpo dxs outrxs o que elxs dizem. Elxs dizem: JE SUIS Jesus, JE SUIS você, JE SUIS meu corpo. Sou o que se ouve. E repito. A minha voz. E a sua. Não caio mais no buraco que se abre entre o palco e o público. As coisas são dos outrxs. Me levanto. Minhas mãos sustentam o corpo que estava no chão. Vou até o chão porque eu quero. Para ficar mais perto da terra que tem ferro. Assim como o sangue.

ALETA VALENTE Meu ativismo é sobreviver.

FELIPE BRAIT Arte + Ativismo = Ativismo + Arte. Conceito que remete diretamente à ideia de processos artísticos relacionados a uma pauta política. Não considerando obviamente que toda arte seja um gesto político. Ou seja, quando fazemos a conexão direta entre arte e ativismo se supõe que exista um foco político mais claro, mais direto. Como no caso da época do ACMSTC – Arte Contemporânea no Movimento Sem-Teto do Centro, quando uma centena de artistas juntaram forças com a ocupação Prestes Maia em São Paulo, nos anos de 2003 a 2007.

A conjunção entre “movimento artístico” e movimento social criou um universo simbólico bastante rico, de produção estética com uma ação de resistência que visava a denunciar abusos na preservação dos direitos humanos e de moradia. Ou como nas ações do coletivo FRENTE 3 DE FEVEREIRO (bandeiras de grande dimensão em estádios de futebol) buscando denunciar práticas de racismo policial dentro da corporação estadual ou nas composições midiáticas tradicionais. Ainda que os termos “aparelhamento” e “instrumentalização” sejam utilizados no campo da crítica política, costume fazer uso desses termos pra definir o ARTIVISMO da seguinte forma, no que tange à relação entre Arte (Artistas) e Movimento Social (Políticas): Ativismo é o movimento de relação entre arte e política no qual ocorre por parte do viés artístico uma instrumentalização estética dentro da pauta política (movimentos sociais) e, no caminho de mão dupla, a partir dos movimentos sociais ocorre um aparelhamento político dentro da produção artística (artistas independentes e coletivos autônomos). Uma espécie de fenômeno no campo da politização da arte onde o principal cenário de inserção dessa prática é o Espaço Público.

Sempre associei o feminismo com a luta pessoal e coletiva pela liberdade, no decorrer do tempo fui me identificando mais com o feminismo negro e materialista, por acreditar que a revolução vem das bases.

Jackeline Romio

Rumo ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas, por vezes fomos surpreendidas com questionamentos que nos interpelavam sobre o lugar de onde falávamos. Ouvíamos: De que lugar as Negras Jovens Feministas estão falando? Nossa resposta não poderia ser outra: Falamos do lugar das indocumentadas, aquelas de quem a história “oficial” não cita nomes e sobrenomes; as resistentes Mulheres Negras sequestradas na África e escravizadas no Brasil, as guerreiras quilombolas, as sobreviventes do 14 de Maio de 1888.

Muito pouco foi escrito sobre as lutas emancipatórias dessas Mulheres Negras, e esse pouco do que sabemos nos foi transmitido por nossas griots, acervo ancestral vivo que com sua sabedoria preservaram histórias e segredos de Yabas, da dialeticamente matricialidade africana de GUELEDES E YALODES; de negras mulheres cujas existências foram profundamente marcadas e diferenciadas pela resistência à opressão de raça e gênero, imposta pelo regime escravista, patriarcal e capitalista.

Latoya Guimarães (*Negras jovens e feministas: Nossos passos vêm de longe*, 2008. I Encontro de Jovens Feministas.)

idade por meio da Sociedade do Bem-Estar da Família (Bem-fam), que realizou e acabou por impor esterilizações em massa e experimentações com substâncias reprovadas nos países europeus, como o DepoProvera. (...)

A censura foi adotada desde os primeiros dias da ditadura e se manteve durante todo o período ditatorial. Aliás, a misoginia da ditadura andava de mãos dadas com a censura. Houve, de maneira especial, a censura aos assuntos referentes às mulheres, sob alegação da defesa da família, da moral e dos bons costumes.

Amelinha Teles (*Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. Estudos Feministas*, Florianópolis, setembro-dezembro/2015)

Mc Carol pode ser de grande valia, ouça Não foi Cabral.

(...) Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano, optei conscientemente por tornar-me uma intelectual, pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto. Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a nos separarmos da comunidade, mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam – o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes. (...) **Bell Hooks (*Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas*, 1995, Ano 03)**

AO SOM DE MULHER DO FIM DO MUNDO DE ELZA SOARES

anos 1970:

O feminismo no mundo se agitava numa onda libertária que reivindicava igualdade, direito ao próprio corpo, a politização do espaço privado, pois passou-se a compreender que o pessoal também é político, o direito ao prazer sexual, o direito de escolha. No Brasil, a ditadura não dava tréguas. Colocou em prática o controle da natali-

O cotidiano de uma grande cidade, com toda a estrutura, planejamento e, ambigualmente, o caos que se instaura nas bases de uma política interna de sobrevivência, me aponta para uma existência que vai se justapondo àquelas vividas em áreas de conflito onde se podem experienciar tanto formas veladas, como formas absolutamente explícitas de violência, que se perpetuam como um código emblemático e banalizado do conceito de sociedade contemporânea.

Natália Coutinho (*O jogo distópico e os corpos. Desfazendo gênero*, 2013)

Estudar mulheres artistas, ou melhor, estudar Feminismo está relacionado a um desejo de politização das experiências mas diz respeito a uma tentativa crítica de materializar o Devir Mulher em toda a sua diversidade e interseções, antes de adentrar à teoria, e minha produção poética relacionada à minha subjetividade, meu desejo feminino deparei com um silêncio sobre essas questões, e meus compêndios, além de rasas e machistas análises criadas ao tomar contato com os tópicos do feminismo na academia, em que teóricas já se haviam defrontado com tais estruturas nada democráticas do sistema das artes, e com isso me interessava, então seria melhor que eu estudasse

O OUVIDO QUE SE APAIXONOU
POR UMA VOZ

1 fantasminha
ensolarado = voz.

1 pendência secreta =
a voz

o ovo antes da
galinha = a voz

"o importante aqui
é o elevador" =
a voz

chuchu = a voz
pudim ~~de leite~~ = a voz

"a quentinha
está na geladeira =
a voz"

lado B

quando escutou a voz pela primeira vez, aconteceu um estalo breve. alguma coisa começou ali, naquele sulco, naquele timbre de sede. uma espécie de pausa foi sendo percebida, a cada dia de infraescuta. o ouvido fisgou uma suspensão da voz, numa temperatura sensorial insondável. seu tímpano parecia um ímã descontrolado, que precisava de um campo fora de si. a voz atraiu o ouvido com pinças macias, como uma miragem ventríloqua. aos poucos, esqueceu algumas entonações, apagou algumas partes. o campo foi sendo alisado pelo tempo, pela distância da onda insonora. a voz ficou cada vez mais franzina e ofegante.

sem lado/tradução (voz)

um fantasminha ensolarado; um segredo inaudível; o ovo antes da galinha; "o importante aqui é o elevador"; chuchu; pudim; "a quentinha está na geladeira".

lado A

a voz que encerou o ouvido se mexia como um fio solto de algum aparelho. mas nunca vociferou nenhuma palavra, nem agiu como um verme. como vulto vulnerável, um texto rouco sovou o ouvido. um texto sovou o sono da escuta. e um ruído-rumor lusco-fusco cobriu as margens da voz. escutar ficou muito misturado com a entrelinha, com uma bainha desfeita, com uma fissura sem parapeito. algo deslizou na borda da boca, fechou a língua e fisgou a sombra de um fiapo de fresta. outra voz antecedeu a escuta e vazou para a garganta. num texto a dois milímetros fora da página e fora da pele, falou pelos ouvidos.

Martha,

no seu
texto de
curadoria
Books from
Latin America,
que está on-
line [HTTPS://WWW.

PRINTEDMATTER.ORG/
TABLES/26] no site da

Printed Matter, você faz
uma análise comparativa da

história social e política de dife-
rentes países da America Latina.

Países que, como você mesma
define, dividem uma história de:

descobrimento e conquista, doutrina-
ção religiosa, colonização, escravidão,

exploração dos recursos naturais, ao lado
de uma história de lutas políticas que acaba-
ram em guerras civis, revoluções, ocupações
militares, ditaduras e governos corruptos.

A esse contexto, você relaciona a proliferação
de vanguardas artísticas de engajamento político, entre

elas a produção de arte postal e livros de artista, uma vez que ambos os for-
matos facilitavam a circulação de ideias ou conteúdo potencialmente censuráveis.

Ao ler essa sua análise, parei para pensar no panorama atual de produção de livros
de artista na América Latina, e não pude deixar de me lembrar da constante queixa entre
editores e artistas sobre a dificuldade de distribuição e circulação de seu estoque editorial.

Ao mesmo tempo que essa dificuldade pode ser explicada por argumentos práticos como
taxas de exportação, transporte, ou termos de consignação exigidos por grande parte das
livrarias, me faz pensar se esse enclausuramento não seria uma herança da essência do livro
de artista produzido da América Latina, que é uma forma de circular ideias escondidas, que cami-
nham sem fazer barulho... sem chamar a atenção.

Hasta pronto,

Ana



MARTHA FOTOGRAFANDO ANA
FOTOGRAFANDO MARTHA. BOOKIE
WOOKIE/ AMSTERDAM 2013

Al referirnos a la circulación de los libros de antes y después, los de ahora,

Sí, hay una – gran diferencia – los de antes, tenían una carga política doble, no solo en su contenido, sino por
el solo hecho de existir un producto creado con muchos esfuerzos, con el interés de difusión, ya fuera artística,
literaria/poética o política y que su presencia no solo afirmaba su autonomía sino, que también, una oposición a
lo ya establecido “stablishment”, algunas veces clandestinos.

Su formato, por lo regular de bajo costo, facilitaba su circulación por Correo ordinario, además no se declara-
ban como objeto artístico con impuestos de importación y exportación.

Los libros del Ahora, son producciones hechas ya dentro de las facilidades técnicas de impresión de las que
cada Artista dispone, desde una impresora de casa hasta una para grandes impresos publicitarios, la gama es
muy grande, pero seguimos con el dilema de su contenido, difusión y venta

Ahora cualquiera puede imprimir (multiplicar), pero, qué es lo que quiere comunicar, a quién....

Y acerca de su difusión por correo, casi no existe, los altos costos del peso del libro, los riesgos de maltrato
y pérdida, si es un libro de tiraje limitado.

Pero existe la otra difusión, – la de las redes sociales – por internet, a esta todos tienen acceso y se
pueden ver, la compra esta arreglada, existe Amazon, que da excelente servicio.

La situación económica y política de cada lugar es un determinante, los costos van desde
diez dólares hasta los de colección que alcanzan precios exorbitantes. Hay una gran
producción, pero en mi caso ya he puesto un límite a lo que quiero producir, a lo que
quiero editar y a lo que quiero comprar como parte de mi colección.

Actualmente, en cuanto a las librerías más especializadas en estas producciones
como Boekie Woekie en Amsterdam, Florence Loewy en Paris, Múltiplos en
Barcelona, Bookartsbookshop en Londres y muchas otras han modificado
su función, ya no solo como librerías sino también se han incluido otros
eventos y se reorganizan para bajar costos de almacén y seguridad
(robo de libros), lo que indica que se cuidará más lo que se acepta a
consignación y aún no da para comprar los ejemplares. La búsqueda
de estrategias será permanente, pues las situaciones no mejoran y se-
guiremos compartiendo en nuestros circuitos las mismas problemáti-
cas que tendremos que encaminar a un planteamiento de creación,
producción y sobrevivencia - el arte de vivir.

Querida Ana, a pesar de todo lo expuesto en el texto, quiero seguir
en la búsqueda, en la exploración y la experimentación, usando
distintas plataformas. Además, compartir las mismas preocupaciones
con los seres afines. Por lo tanto, espero continuar este diálogo que ya ha
trazado un camino de avanzada.

Siguiente estancia, el volcán, Cofre de Perote, y Feria de Tijuana en São Paulo.

Hasta pronto,
Martha



COFRE DE PEROTE, MÉXICO

[ato único]

POR ANA LIRA

[para ler com a voz interna. em qualquer configuração desejável. com escuta atenta e cuidado:]

[Recife] – Dez palavras como ponto de partida. É uma proposta pouco convencional, como entrevista. Contudo, penso que é uma forma de articular os nossos diálogos. O intuito é ativar práticas artísticas relacionadas com (re)existência política e cotidiano de vida – pensando na trajetória de cada um. É possível?

[São Paulo] – Não estou esquecida do seu pedido, mas creia, sem nenhuma máscara: não teve um dia desta semana sem reunião em favor de algo maior. Algo contra um regime de exceção. Os movimentos de negros, mulheres negras, não se acham representados.

[Diamantina] – Me convidaram para um especial de televisão e tudo mais. Acharam estranho que a minha casa não era parecida com aqueles casarios coloniais, do centro histórico da minha cidade. Era naqueles casarões que o meu povo morava? Não era, nunca foi. Então, eu não tinha por que fazer uma casa naquele mesmo modelo.

[São Paulo] – A invisibilidade destes grupos é cultural, e setores que têm acesso aos bens culturais, como universidade, teatro, cinema e vídeo, não observam que estão falando em nome de si. Então vários outros grupos, embora citados em qualquer carta manifesto, continuam invisibilizados. Precisamos de outras narrativas.

[Recife] – Que outros enredos é possível articular?

[Diamantina] – Conto quase sempre é o mote do meu trabalho. Eu coloco tudo o que eu vivo, tudo o que eu observo, as coisas que eu leio. O elo está no intervalo entre você e o assunto.

[São Paulo] – Prefiro falar, me aventar, como se tudo não passasse de um conto. Pensando ou dizendo essas palavras “soltas”, mas que são narrativas de minha vivência, sem serem travestidas pelo olhar do outro. Palavras por palavras dialogam, e o conhecimento nasce ungido de vivências, valores, estratégias...

[Diamantina] – Estratégia vem com inquietação, o desafio e a vontade de realizar.

[São Paulo] – Quando pensávamos na Frente 3 de Fevereiro, não estava circunscrita à manifestação, mas a um trabalho contínuo, por meio do qual

é ter boa aparência?

[Diamantina] – Tem, também, aquela história: quando um escravo fugia, o senhor colocava o anúncio no jornal com os traços físicos dele e, às vezes, vinha essa expressão “boa aparência”. Como se define isso? Quem tem boa aparência? Quem não tem?

[Recife] – É preciso estar neste conceito para existir?

[São Paulo] – Quando se fala em existir, há que se perguntar – nada se pode responder sem problematizar: Em qual “aldeia” eu estou inserida? Vim trazida por mares e navios de onde? Vim só? Vim com inúmeros que não queriam vir? E me puxaram? Onde me tiraram o nome e a crença?

[Recife] – Deslocamento, território, permanência, morada...

dentro do tempo das coisas, por isso prezo muito o tempo.

[São Paulo] – E novos grupamentos se formam, onde me proponho a sair em busca de qual é o meu espaço nessa nova convivência de problematizar esse racismo, que coloca o outro como referência de seu modo de ser.

[Recife] – É uma outra forma de articular relações de poder?

[Diamantina] – Poder é a capacidade do diálogo e de transmitir e receber conhecimento.

[São Paulo] – É antes de tudo um ato de viver, de sonhar. É esse meu olhar estendido, onde hoje tento atuar. A poesia que se dá ao luxo de trabalhar com o intraduzível.

[Diamantina] – Cuidado todo possível. Concessão nunca!

*[ato único. tempos
símbolos. lugares distintos.
conexões. povo negro]*

NOTA-BASTIDOR

[Recife] é a casa de Ana Lira e um dos vértices deste território que se conecta com [Diamantina], lugar de produção artística, crítica e de saberes onde Eustáquio Neves elabora enredos singulares de existência. Seus temas e processos muito se conectam com as reflexões e a circulação generosa de conhecimento produzida cotidianamente por Maurinete Lima, uma

das fundadoras da Frente 3 de Fevereiro em [São Paulo].



conseguíssemos desvendar as diversas formas de racismo que se redefinem.

[Diamantina] – Pensando nesses temas, eu fiz um trabalho que chamei de Boa Aparência. Fiz uma série de autorretratos e fui intervindo nas imagens... como uma forma de questionar os anúncios de emprego que exigem essas coisas. O que

[Diamantina] – Morada é meu refúgio.

[São Paulo] – Território é o meu quilombo. É onde estendo minhas terras, onde fronteiras são deslocamentos, onde ocupo novos espaços na busca de noção identitária.

[Diamantina] – O chamado acontece

LUANA NAVARRO
SALTO SEM NOME



Produção executiva



Realização



EDICIONES
COSTEÑAS

